

# TRIBUNA LIVRE

IGOR VITORINO DA SILVA



## A militarização das periferias capixabas

**T**odos os dias os jornais capixabas noticiam operações policiais que ocupam determinados bairros reconhecidos como perigosos e violentos. Como resultado da repressão qualificada, as autoridades policiais apresentam aos holofotes jovens presos, até mesmo mortos, drogas e armas.

Muitas vezes, essas cenas estão sendo acompanhadas a distância pelos moradores dessas localidades. A luta pelo domínio territorial pelos comerciantes de drogas e os confrontos desses com as forças de Segurança Pública criam um ambiente de tensão e medo nesses bairros periféricos, fazendo com que seus moradores convivam com o despotismo dos traficantes e, muitas vezes, com os abusos de autoridades policiais, sendo destituídos dos seus direitos de cidadania.

Desbaratinada as quadrilhas e realizadas as prisões, na realidade, o medo e a insegurança continuam, pois os moradores não possuem a certeza de que a suposta ação policial (“limpeza”) lhes devolveu a tranquilidade pública, já que outros jovens podem retomar as atividades do comércio de drogas e das atividades ilícitas.

Assim, as leis do silêncio e da prudência funcionam perenes, alimentando uma forte desconfiança das autoridades policiais, uma estratégia de sobrevivência que perversamente, muita vezes, é acusada de convivência comunitária com a ilegalidade.

Os moradores desses bairros periféricos além de viverem as angustias das ações dos traficantes e das operações policiais, também sofrem com o processo de estigmatização e preconceitos territoriais. Passam a ser reconhecidos no contexto urbano como os produtores da desordem urbana (criminalidade e violência). Por onde passam os moradores dessas localidades vivem situações de constrangimento moral ao dizerem onde moram, experimentando olhar desconfiado e incriminador que pressupõe que sejam criminosos.

A presença constante de forças

policiais nesses bairros periféricos, o que poderíamos chamar de militarização das periferias, estaria mais ligada a uma ação estratégica, uma mera propaganda de combate contínuo à criminalidade e à violência do que uma ação no sentido de desmontar as lógicas da crise da segurança pública.

As estratégias de prevenção primária que buscam atacar os estoques de reposição do mundo criminal, ainda são malvistas e compreendidas como “benevolência a bandidos” por boa parte da sociedade, que acredita que o mero encarceramento e o endurecimento da punição atenuaram a crise de segurança pública que vivemos.

Muitos defendem, até mesmo alguns moradores de periferias,

que é tempo perdido discutir a (re)configuração de valores e desejos que guiam os jovens que vivem nas periferias a seguirem vida criminal, como se tal fato fosse apenas obra das suas escolhas individuais, e não parte de cultura coletiva que envolve as diferentes juventudes num universo iden-

titário ancorado no consumo e na cultura da violência, que reduz as suas vidas a avaliação do prazer, poder e dinheiro.

A recorrência das ações policiais e a permanência dos problemas que dizem que irão solucionar nos bairros periféricos indicam que tal metodologia é ineficaz, que em vez de abraçarmos a militarização das periferias como solução devemos ampliar as medidas de prevenção primária, públicas e privadas, buscando (re)criar alternativas de vida para que os jovens não continuem tombando nos confrontos entre forças policiais e facções criminosas.

Igor Vitorino da Silva é professor de história do Campus Nova Andradina/IFMS



**Os moradores vivem as angustias das ações dos traficantes e das operações policiais**